

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCÃO.

INTRODUCCÃO.

BEM nos podiamos dispensar de introdução, quando, ao cabo de tantos annos de existencia, o PANORAMA tem demonstrado, na regularidade das series, que satisfaz ao seu fim sem pomposos programmas; mas é uso saudar na primeira semana do anno aquelles de quem somos amigos, para lhe desejarmos boas estreias.

As felicitações que hoje aqui vamos dar-lhes são portanto bem sinceras. Para se lhes aferir o valor, bastará voltar os olhos sobre esses terriveis mezes com que o anno findou, e ver que temos a satisfação de nos dirigirmos áquelles que a mão de Deus preservou. Que este anno seja um dos mais felizes e não só o nosso anhe-lo; e tambem uma esperança, filha da fé que nos alimenta; e esta aspiração do futuro que recebemos do Omnipotente duplica o valor ao nosso desejo.

De nós o que diremos? Os consecutivos volumes das series em que este hebdomadario se tem dividido respondem por nós. Assim como a intelligencia não cansa em produzir, esperamos tambem não diminuir nos esforços de apresentarmos o seu fructo, dom precioso que nos colloca sobranceiros a toda a criação. Reflorece o reino vegetal em periodos regulares para em tempo marcado dar seus fructos sazoados. Apoz a flor o fructo! Assim a sciencia e a litteratura. Nos livros e nos jornaes apresentam-se ambas na epoca da florescencia; e quando o espirito do homem pensador se enebria nos perfumes da sua leitura, sente apoz o tempo que deu á reflexão do que lera, o fructo que a alma necessariamente deve recolher. É uma sementeira curiosa esta da intelligencia humana, e na epoca da safara a colheita é magnifica, porque os seus campos, roteados com esmero, nunca ficam sujeitos ás causas da esterilidade.

Eis os serviços que temos prestado ao progresso humano. Jornaleiros d'este campo universal, que se abre e franqueia a todos, acompanha-nos a convicção de que temos trabalhado sempre com vontade e zelo — zelo e vontade que nos não retribuido todos aquelles que nos teem prestado os

seus cabedaes no grande mercado litterario. Descansar agora quando a primavera mais floreja, e ainda tanto nos resta por descobrir na natureza, não seria unicamente covardia — era um attentado contra a Omnipotencia d'aquelle que nos insuflou seu espirito para nos arrojarmos aos tentamens da sciencia humana; e um acto de desamor para com todos que nos acompanham no desejo de engrandecer os conhecimentos, e alargar a esphera do saber. Não o faremos.

Assim o PANORAMA vae entrar no seu decimo quinto volume, redobrando de zelo em agradar, e de esforços em instruir, apresentando por garantia do futuro a solida fiança do seu passado.

SOBRE A TENTATIVA DE ASSASSINIO NA PESSOA D'EL-REI D. JOÃO IV.

Existe na real bibliotheca do paço d'Ajuda, lançada em manuscripto antigo, a sentença que se proferiu, em tempo d'el-rei D. João IV, contra Domingos Leite Pereira, escrivão da correição do civil da côrte, por querer atraçoadamente matar o mesmo rei. A execução do reo teve lugar em 16 d'Agosto de 1647; e a sentença foi lavrada no dia 12 do mesmo mez. É um documento historico que vamos extractar.

Um dos primeiros fundamentos é ter o reo, natural d'este reino, e proprietario do officio de escrivão do civil da côrte, passado para o de Castella no anno anterior, a titulo de homisio; e achando-se em Madrid ser ali despachado com o habito de Christo, e outras mercês, vindo a este reino por ordem de certos ministros do rei de Castella, para matar a el-rei portuguez, para o que recebera quatrocentos escudos, e uma espingarda com quartos, um pelouro, e dois vasos de peçonha para os poder hervar, e cartas do mesmo rei de Hespanha para o marquez de Molemguem, governador das armas de Badajoz, o deixar passar livremente.

É o segundo fundamento ter effectivamente vindo ao reino, com animo de effectuar o crime, e chegando a Lisboa com outro companheiro, em

JANEIRO, 2, 1858.

VOL. II — 4.ª SERIE.

M. L.
GABINETE
DE LOS UDO S
OLISIPONENSES

6 de Maio, andar escondido até ao dia 20 (o da procissão do Corpo de Deus) em que determinara dar á execução o intento; para o que alugara, por via do seu companheiro, tres moradas de casas no principio da rua dos Torneiros, por onde havia de passar a procissão; mas com tal apercebimento, que uma das ditas casas ficava com porta para rua differente, por onde facilmente, depois do caso feito, se podesse escapar sem ser tomado, e rompendo com uma alavanca de ferro as ditas tres moradas, para mais facil expedição da fuga.

Mostra-se que no dito dia da procissão, ao tempo em que o palio chegou á dita rua e casas, o reo com a mesma resolução e deliberação de animo estava esperando a el-rei, em um buraco que para o dito effeito abriu nas mesmas casas, com a espingarda carregada dos ditos doze quartos, e um pelouro hervado com peçonha; e tanto que descobriu a el-rei, o reo confessou que se lhe representou uma superior magestade do reo, que lhe fez cair das mãos a espingarda, sem poder executar o intento, e no mesmo dia saiu disfarçado das casas, deixando n'ellas os instrumentos do crime, e abalando-se ao postigo de Nossa Senhora da Graça, aonde o seu companheiro o estava aguardando com dois cavallos, já preparados para a fugida, se tornaram ambos para Madrid.

Voltando o reo a ver os mesmos ministros de Castella, que o haviam mandado, e dando-lhe outras desculpas de não effectuar o prometido por sua parte, e elles aceitando-lhas, o tornaram a mandar ao mesmo effeito, com os mesmos passaportes e promessas de avantajadas mercês, dando-lhe mais dois mil cruzados em dinheiro; e partindo o reo com o mesmo intento e deliberação, enviou adiante o dito seu companheiro a buscar casas onde se podessem agasalhar, e que o fosse esperar ao logar da Povia de D. Martinho, para que ambos podessem entrar mais escondidos na cidade.

O companheiro do reo, usando de melhor conselho, revelou tudo o sobredito ao ministro da justiça d'el-rei D. João iv, e no dia 31 de Julho em que o reo chegou ao logar da Povia, o entregou á prisão. Diz a sentença que Domingos Leite Pereira fez inteira e plenaria confissão do seu damnado e deliberação intento, contestando tudo acima referido; e que fazendo-se diligencia e vistoria nas ditas casas da rua dos Torneiros, se acharam furadas na forma referida, e n'ellas os dois vasos de peçonha, escondidos no proprio logar que o reo declarou; um d'elles ainda cheio, e o outro já diminuto, pelo que d'elle havia tirado para hervar os quartos e pelouro.

Foi condemnado por traidor ateivoso, parricida, assassino, e incurso no crime de lesa-magestade de primeira cabeça, e por esse motivo com batoço e pregão pelas ruas publicas, foi levado de rastos á forca, onde se lhe deceparam as mãos no pelourinho, e enforcado se lhe lançou o corpo em fogueira, e n'ella feito chirpo e cinza para d'elle não ficar memoria.

Por testemunho d'este caso mandou a senhora rainha, mulher do senhor D. João iv, fazer no mesmo local o convento de Corpus Christi, que já hoje não existe, por ter sido vendido depois da extincção das ordens religiosas, e estar reedificado como habitação secularizada.

A.

CARTA ESCRIPTA PELO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA, SOBRE O SUCCESSO DAS BRUXAS.

Continuação.

O capitão Valentim de Feso chegou a este logar com uma carta de v. s., e pela relação que o capitão me fez da sua parte, e vista a vontade de saber o que se tem passado e passa n'este negocio das bruxas, em que hei entendido estes dias, manda-me v. s. que por extenso lhe faça saber o que se passa e tenho descoberto, conhecendo quão servidor de Nosso Senhor é v. s., e espera o que melhor cumpre ás coisas de sua santa fé e serviço, porque tambem ajudará a remediar o que segundo o mundo está tão corrompido e as coisas de Deus tão esquecidas, vendo a necessidade que há para o remedio a suas offensas, ajuda e favor semelhante ao de v. s., por extremo o melhor que pode n'este seculo para remedio de tanto mal; muito me pesa que antes de receber a de v. s. não lhe tenha eu dado a conhecer este negocio; mas ainda que a obra faltasse, a vontade sempre a tenho, como sou obrigado como um dos seus servidores.

Seis mezes se tem passado desde que sai de minha casa por mandado do conselho real d'este reino, para visitar estas montanhas, que de muitos tempos para cá sabiam pouco que coisa era fazer justiça temporal nem espirital; e para dar remedio a alguns males que tinham acontecido e se faziam nas montanhas, cheguei ao valle de Salazar, onde por mão de Nosso Senhor descobri este caso das bruxas, contra as quaes fizemos processo, e todas manifestaram suas culpas e descobriram coisas que eu não pudera fazer, especialmente que me diziam que iam em pessoa ter ajuntamentos com o demonio, e que saíam por janellas e chaminés e por qualquer parte que ellas quizessem, e como não tinha isto por certo, eu e alguns letrados, parecendo que aquellas seriam enganadas do demonio, desejando tirar-lhes aquelle vão pensamento, fiz que uma d'ellas em minha presença se antasse e por uma janella fosse ao seu ajuntamento, como ellas costumavam fazer, e assim sexta feira á meia noite, fui á poisada onde estava com o secretario Vega e com Pedro Dias Tumimon, aguazil, e com Sancho de Mariana, cabo de esquadra e com outros soldados, homens da terra até vinte, e em presença de todos elles ella se preparou e

a pozeram em uma camara, e eu e o secretario e outros com ella; ella untou-se pela forma costumada, com um unguento peçonhento que mata os homens, e chegou a uma janella do aposento que estava muito alta do chão, e debaixo d'ella uma grande pedra, que um gato se fizera em pedaços, e fez sua invocação ao demonio, o qual veio como costumava e a tomou e a baixou de cima até que chegou ao chão; e para que fosse mais satisfação, o dito cabo d'esquadra com um soldado seu e com outro homem da terra debaixo da janella pela parte de fora, e um d'elles espantado de ver tal coisa começou a benzer-se e a dizer Jesus, e assim desapareceu e se foi d'entre mãos, e no dia seguinte veio com outras sete, tres leguas d'ali em Puerto-Grande, onde tinham estado outras vezes; e cerrados os processos desde o principio da quaresma, o presidente e alguns do conselho com alguns theologos letrados entendemos na terminação; pelo que achámos escripto, e pela experiencia que eu fiz determinámos a duvida que tinha porque estas bruxas iam em pessoa e as levava o demonio; mas é verdade que pessoalmente obram n'estas operações más e da forma que abaixo v. s. verá, e porque de suas culpas constava, *condemnamos a todas á morte* e algumas foram justificadas em Pamplona, e eu fui com outras a este valle a *fazer-as justificar* e proseguir na causa.

Depois andando por estas montanhas, onde descobri muitas que estavam com o demonio, que costumavam ter uma reunião n'este valle onde se costumavam juntar mais de cento e vinte d'ellas e tenho presas sessenta. No outro dia descobri no serro de Salazar, onde se juntavam mais de cem, as quaes estão presas, e *justificadas a fogo passam de mais de oitenta*; e outro ajuntamento descobri no valle de Roncesvalle e Lavadero até Pamplona sabendo n'aquelle sitio que se juntavam d'esta terra em numero de mais de duzentas bruxas. Em tudo o que se passa n'estes ajuntamentos tenho descoberto e *feito justiça a noventa pessoas*, e tenho para d'aqui a oito dias, querendo Nosso Senhor, *outras vinte*; finalmente, tenho descoberto tanto, que se tivesse quem me ajudasse, poderia fazer muito em serviço de Deus e proveito da republica.

É de muita dôr ver o mal tão grande, porque estando n'estes reinos, que se Deus Nosso Senhor não se apiada de nós, vae este mal tão crescido, pela relação que v. s. verá, que ninguém terá vida segura segundo a forma que teem quando se tornam bruxas, e os males que fazem pela maneira seguinte:

A primeira coisa que fazem é que renegam de Deus Nosso Senhor e de sua bemdita Mãe e de todos os santos e santas de sua santa fé, e de seus paes e mães, tomando por seu senhor ao demonio e principalmente a Satanaz, e assim introduzem a outras por offerecimentos que o demonio lhes faz dizendo que lhes dará muito dinheiro e riquezas, e deleites, convertendo-as de

sua propria vontade com temor de que as mateu se não se convertem: e depois que as tem convertido e feito renegar como dito fica, lhe mostra a forma que hão de ter para untar-se em certas juntas do corpo, na parte esquerda, para ir á reunião que costumam ter com o demonio; e esta cerimonia que tem com o demonio de se untarem teem-na por elle e assim o declaram por suas confissões, que com aquillo podem ir onde quizerem pelo ar, e que o demonio as sustem e as vem a levar, o que não fariam se não se untassem e d'esta maneira as converte, e o que converte a outro vae á dita reunião, e todos juntos e por grande serviço a bruxa ou bruxo que converte outro o apresenta ao demonio, que falla com ella e ella com elle, e o demonio está em figura de cabrão grande e negro, e diz assim: *este homem ou esta mulher, eu a converti á vossa lei e a trago ao vosso serviço*, e o demonio o recebe bem e lhe manda que se faça juiz, dizendo que elle é o senhor do mundo, e que sua lei é a melhor de todas e lhes promete dar dinheiros e o que precisam, e assim fazem reverencia e acatamento como a senhor com o pé esquerdo, tocando com a mão esquerda no peito, posto o joelho esquerdo no chão, tudo ao revez, e o adoram no mais sujo logar do seu corpo, e é um cabrão como digo, e ao principio dá ao convertido dinheiros e moeda, e saltam e dançam, e divertem-se por um pouco e voltam a suas casas, e o que mais costumam fazer n'estes ajuntamentos é que comem pão e carne, e outras viandas, e bebem uma coisa que parece vinho, que o demonio lhes dá, e parece que as viandas que lh'as dá, e lhes mostra grandes riquezas, e o que é de maior dôr, que aos homens dão mulheres, ás mulheres dão homens, e em verdade são demonios que tomam corpos phantasticos e certamente teem parte com os demonios.

. . . uma das coisas mais principaes e porque servem ao demonio e o seguem é por esta sciencia, e isto tenha por certo v. s. e averiguado que vão pelo demonio pessoalmente, porque tenho mais de cinquenta moças e mulheres de pouca idade que estão corrompidas pelo demonio, e entre ellas ha uma que não chega a doze annos, que está corrompida e por experiencia se averigua e parece ser assim.

Continua.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação

VII

DECLARAÇÕES.

— Longos annos vão decorridos (assim principiou o padre Gaspar a sua narração) desde que um mancebo, amante como vós, risonho de esperanças no prospecto de um futuro feliz, disse adeus ao mundo, e ás suas enganosas illusões, ferido n'alma, onde o golpe do infortunio lhe pe-

metrara bem fundo, e se recolheu á casa de Deus, só para orar, e valer se podesse aos infelizes, que bastantes ha no mundo, mesmo entre aquelles que por possuirem riquezas, e uma certa posição na sociedade, são olhados como venturosos. Os homens não vêem senão o exterior que os fascina; as dôres d'alma ficam-lhes escondidas; e muitas ha ahí que só em Deus encontram linitivo, e no tumulto descanso.

«Esse amor de que vos fallei, fôra causado por uma mulher, que n'aquelle tempo era o retrato da vossa Beatriz de hoje! A mesma estatura; tão frágil e delicada, que parecia construída para não resistir aos embates da adversidade, e que ao mesmo tempo deixava transparecer a tempera da alma energica que sabe superar as difficuldades; a mesma meiguice e candidez de rosto que attrahe com respeito, ao passo que reprime com severidade a mais audaciosa intenção; o mesmo sorrir de anjo, com a dignidade da mulher ideal descripta pelos poetas desde que existe o mundo; finalmente, a mesma pureza de feições, e harmonia de typo, constituíam a que n'outro tempo se chamou na terra também Beatriz!

«Talvez vos pareça impossivel esta similhaça physica; mas por Deus vol-o juro que o não é. Tão similhanças a natureza as formou no physico, como a mão de Deus creou na alma de ambas os mesmos sentimentos moraes. A minha Beatriz, nos seus dezeseite annos, pareceria irmã gêmea da vossa, se fôra possivel reunil-as agora na mesma idade separando os longos annos que já teem decorrido... senão vêde-o.»

E assim dizendo, o padre Gaspar tirou de sob a roupeta uma medalha de ouro, que quando muito teria a grossura de um dobrão, e que não mostrava, nem do anverso nem do reverso, mais do que duas datas. Uma, a de 15 de Setembro; outra a do anno de 1633.

Simão Rodrigues contemplou por alguns instantes a medalha que se lhe entregara, não acertando como d'ali podesse conjecturar a similhaça das duas Beatrizes.

O padre Gaspar comprehendeu-o; e fazendo saltar uma pequenina mola, que o mais perfeito artificio encobria, a obrigou a separar em duas, mostrando ao absorto mancebo o retrato de Beatriz.

É impossivel descrever a emoção e maravilha de Simão Rodrigues ao reconhecer a similhaça.

Absorto contemplava o retrato sem querer prestar credito, nem aos olhos que lh'o affirmavam, nem aos ouvidos que lhe acabavam de escutar os protestos com que o padre Gaspar lhe assegurava ter servido de original á miniatura, havia quarenta e sete annos, uma outra que não a sua Beatriz! Ou os sentidos o enganavam, revestindo com as formas que tinha impressas n'alma a pequena pintura que segurava entre as mãos; ou seu espirito, repassando os successos do dia, lhe reflectia ali, ao vivo clarão do pharol que continuava aceso na popa da barca, aquella imagem que a seus olhos se reproduzia em tudo sobre que os relan-

ceava; quer finalmente se julgava presa de um grato sonho, que lhe representava como em imagem parecida aquella que elle amava quando acordado!

Não acertando com o que mais queria, e temia perder, ergueu os olhos para o padre da Companhia, como implorando-lhe o arrancasse da duvida que n'aquelle momento era mais angustiosa do que a morte.

O padre Gaspar assim continuou:

— Acredite, Simão Rodrigues, que eu só vos digo a verdade: tão verdade, como é certo alumiarem-nos acolá de cima aquellas brilhantes estrellas que Deus semeou no firmamento; e erguer-se ali aquelle radiante planeta, que por arcanos divinos acompanha a natureza em suas funcções, e é segredo impenetravel para os que estudam as suas relações com esse vasto elemento em que navegamos agora.

«Ha quarenta e sete annos que essa medalha pára em meu poder; e desde esse dia 15 de Setembro até hoje nem um só momento me desamparou. Em todas as minhas angustias, sabe Deus se não terá sido o meu consolo; e depois de a ter contemplado com os olhos do corpo, como effectivamente tenho o seu objecto presente sempre aos olhos da alma, vou rojar-me ante os altares a implorar a misericordia d'esse omnipotente Ser, que de certo me infligiu tão duros castigos, porque me encontrou indigno da sua piedade.»

Era para ver n'este homem, endurecido por tantos trabalhos, e tão encanecido nos seus sessenta e sete annos, que então contava, as lagrimas que lhe corriam dos olhos, quando o fogo das paixões já devia estar amortecido, e a alma se lhe devia ter regelado nos encontrados temporaes d'este mundo enganador! Bem violento devia ter sido aquelle amoroso vulcão que lhe incendiara o peito, para durar ainda tão activo na epoca que vamos historiando.

— Guardarei silencio sobre os dois annos que duraram as minhas relações com Beatriz. Nem eu quero agora atravessar na minha imaginação este longo periodo de infortunios e lagrimas, para recordar essa epoca de ventura — unica que me lembro ter gosado. Essa historia lancei-a ha annos n'um papel, com intuitos de um dia vol-a entregar, porque vos deve pertencer, sendo, como é, a historia da vossa familia. Agora só vos contarei as ultimas horas que Beatriz passou sobre a terra, e a terrivel catastrophe que abreviou seus dias.

«Foi uma scena cruel que me desilludiu do mundo, e me chamou completamente para Deus, de quem já era, havia seis annos, indigno ministro. O raio não fulmina mais rapidamente do que a morte de Beatriz me aniquilou! Tão cheia ainda de vida desceu-lhe rapida a agonia da cabeça ao coração para a matar n'um momento; e esse momento foi o sufficiente para a fazer delirar n'uma d'essas loucuras que correm tão velozes como a morte, turbando o espí-

rito e aniquilando-o, como se a mão de Deus se tivesse retirado de sobre a obra mais perfeita da criação! A Beatriz de que vos fallo, cujo tragico fim vou contar-vos, era, mancebo, a vossa avó materna! Esse homem que extremosamente a amou, e d'ella foi amado, mas que por estranhos successos não pôde ser seu esposo, sou eu! De vosso avô nunca mais eu sube, apesar de quantas diligencias empreguei para esse fim, e não vou errado na conjectura de que ja se finou. Uma filha ficou da mulher que amei, e em idade tão tenra e descuidada, que só contava quatro annos quando me encarreguei d'ella: foi vossa mãe — essa que n'este momento nos escuta la de cima, e que reunida com a minha Beatriz, a ambos nos abençoa!

Continua.



O GALLO SELVAGEM.

O GALLO SELVAGEM.

Em um artigo notavel sobre a domesticação (*), «esta gigantesca experiencia assiduamente continuada em longa serie de seculos e por toda a terra», M. I. Geoffroy Saint-Hilaire indica, entre outras condições que predispõem uma especie selvagem para ser completamente domesticada, e d'alguma maneira sujeita ao uso do homem, a sociabilidade da raça que se quer sujeitar, a facilidade em se multiplicar, enfim, e antes de tudo, a sua utilidade.

Debaixo d'este triplice ponto de vista, o bello passaro que representa a nossa gravura, parece-nos que deveria chamar a attenção dos sabios que se esforçam em popularisar a historia natural por seus beneficios.

O gallo selvagem faz lembrar de tal modo pela figura, costumes, e propensões, o gallo commum, que entre os antigos davam-lhe o mesmo nome, e ainda lh'o dão, actualmente, em muitas localidades. *Urogallus* dos romanos, *Gallo seltatico* ou *alpestro* dos italianos, *Mountain Cok* dos inglezes, *Auer-Huhn* dos alemães, por toda a parte, nas frias regiões que habita, é sempre o gallo selvagem dos bosques e montanhas. Não obstante, privado de membranas pendentes por baixo do bico, tendo duas ou quatro pennas de mais na cauda, forma uma especie distincta.

Tres ou quatro vezes maior, mais pesado, mais bello em seu ornato negro do que o gallo commum no matiz das variadas côres, o gallo selvagem tem, como elle, o bico forte e curvo no fim. Por cima dos olhos tem uma pelle vermelha; e as suas pennas, como as das gallinhas, saem duas a duas do canno que as encobre. Os machos d'esta raça, muito menos numerosos que as femeas, disputam-nas tambem encarniçadamente. Ainda que os pés não sejam armados d'espôrão, e que sobre a cabeça lhe não avulte a crista côr de sangue, os gallos selvagens brigam com tanto furor como os nossos gallos domesticos. A femea põe de nove a quinze ovos alvacentos, pintados d'amarello, que deposita, como as nossas gallinhas, sem fazer ninho, no musgo ou matto; choca-os vinte oito dias, segundo se julga, com a mais affectuosa assiduidade; depois, com a mesma sollicitude das nossas gallinhas chocas, conduz os filhos que, apenas saídos, correm de todos os lados, levando ainda pegados á pennugem humida os restos da casca que acabam de quebrar.

O canto do gallo selvagem differe do dos nossos gallos. «É provavelmente, diz Buffon, por causa d'este grito singular que é muito forte e se ouve ao longe, que se lhe deu o nome de *faição ruidoso*. O grito começa por uma especie de explosão, seguida de voz desabrida e pungente; esta voz cessa e recomeça alternadamente; e depois de ter continuado assim por espaço de uma hora pouco mais ou menos, acaba por outra explosão igual a primeira.»

O nosso gallo, originario da Asia como se presume, ama os climas temperados; o selvagem habita os grandes bosques, os altos estevaes, as montanhas, e os paizes frios. Negro, com o sobrolho vivo, quando se pavoneia diante da femea faz ouvir o seu grito. Abre então em leque, como o peru, o rabo de dezeseis a dezoito pennas. Espantado do ruido que faz, entregue a uma especie de vertigem, torna-se surdo, e cego; e elle, d'ordinario tão desconfiado, tão selvagem, deixa que se lhe aproximem, e vem a ser presa do caçador ou da ave de rapina que o espreitam.

A carne d'este passaro e das mais sãs e delicadas. Pesa de quinze a dezeseis libras: mas a especie, apesar do numero das femeas e da sua fecundidade, tende a extinguir-se. O ruido que os machos fazem quando se reúnem para brigar, e o grito chamando as femeas, advertem os seus inimigos, e entregam á ave de rapina e a arma dos caçadores esta magnifica e saborosa caça.

A ROSA PALLIDA.

Minha rosa desmaiada,
Aqui te dou meus desvelos;
Teus encantos são tão bellos,
Que por elles perco o tino.
Incendido já no amor,
Divise ahí n'essa côr
Um mais risonho destino.

Se tu, rosa, desbotaste,
Oh! não foi ao meu contacto;
Se assim fôra era esse um facto,
P'ra não te poder colher,
Porque as flores melindrosas,
Se lhe tocam, as vaidosas
Sabem logo emmurchecer.

És uma flor estrangeira,
Mas eu intendo-te, flor;
E adoro-te esse pallor
Como respeito a innocencia,
Que symbolisa essa alvura,
E essa essencia que é mais pura,
Que d'outras flores a essencia!

Amo-te tanto, querida!
Sendo pallida és tão linda....
Outra flor não vi ainda
De tão magica attracção!
Embriagaste-me os sentidos,
E a teus pés tens-me rendidos
Pensamento e coração.

Fôra feliz se eu podera,
Por incognita magia,
Minha flor de sympathia,
Tingir-te de rubra côr;
Qu'ria então sósinho ver-te,
E entusiasmado dizer-te:
—«Vês? Foi milagre de amor!

(*) Nova Encyclopedia, tom. iv, pag. 376.

A CRUZ!

Não vêdes, filhos, não vêdes,
N'esse altar aquella cruz?
Olhae bem, olhae agora,
E o nosso amparo e luz!

Para nos remir a todos
Jesus Christo ali morreu,
E n'ella, por santo exemplo,
O perdão a todos deu.

Foi por nós martyrisado,
Como inda não foi ningueu,
E em paga do mal soffrido
Só nos aconselha ao bem!

Aquelle sangue que vertem
Suas feridas com a dôr,
E-nos prova santa e vasta,
Do seu vasto e santo amor!

Ponde, filhos, n'elle os olhos,
E mostrae que sois christãos,
E rezae, rezae-lhe muito;
Mas primeiro ponde as mãos.

Agora de mãos erguidas.
Rogae por vós e por mim.
Pedi saude e juizo,
E pedi, pedi-lh'o assim:

«Pae do Ceo que ahi nos vêdes,
«Tende do de todos nós,
«Que nós somos vossos filhos,
«E tudo esperamos de vós.

«Dae-nos virtude e fortuna,
«Para nós e nossa mãe,
«Livrae-nos dos negros vicios,
«E aproximae-nos do bem!»

Fazei da cruz o signal,
Reparae, filhos, assim,
Agora vamos, contentes,
Podeis brincar no jardim.

MENDES LEAL (ANTONIO).

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

Luiz 1, o Bondoso.

813—819. Luiz tinha trinta e seis annos, quando succedeu no poder e reputação de Carlos Magno. O grande nome de seu pae foi um fardo que elle não pôde sustentar. Começou o reinado concedendo aos saxões licença de voltarem para a sua patria; depois lançou-se em uma de-

voção supersticiosa de que o particular mais ignorante se teria envergonhado. Muito entretido com a reforma da egreja, e muito pouco com o governo do estado, attrahiu o odio do clero, e perdeu a estima dos subditos. Ludibrio das suas paixões, e logrado pelas proprias virtudes, este principe não conheceu a sua força, nem a sua fraqueza; não soube conciliar para si nem o temor, nem a affeição; e, com poucos vicios de coração, mostrou que tinha todos os defeitos d'espírito.

820—822. O imperador declarou Lothario, seu filho, successor ao imperio. Bernardo, rei d'Italia, sobrinho do monarcha, e neto de Carlos Magno, desgostoso por esta disposição, pegou em armas a fim de a mudar. Luiz marchou ao seu encontro, e de tal modo o intimidou com a sua presença, que Bernardo, abandonado das suas tropas, foi lançar-se-lhe aos pes: debalde implorou o perdão; o principe mandou-lhe arrancar os olhos, e o joven rei expirou. Pouco contente com esta victima, o imperador fez prender todos os partidarios de seu sobrinho, e submetteu-os ao mesmo supplicio. Mas os remorsos apoderaram-se-lhe do coração. Pediu aos bispos e abbades lhe impozessem penitencia publica, e o filho, o successor de Carlos Magno, compareceu em uma assemblea, reunida em Attigni, coberto de cilicio, e na humilde posição de criminoso.

823—834. Luiz associara ao seu poder tres filhos que tivera do primeiro matrimonio. Como Carlos o Calvo, que era do segundo que celebrara com Judith, filha d'um nobre de Baviera, não tinha estados, deu-lhe a Alemanha e parte da Borgonha. Judith, que governava o esposo, de accordo com Bernardo, conde de Barcelona, seu amante e ministro, tinha dictado esta partilha. Os tres filhos do imperador, Lothario, Pepino e Luiz, levantaram tropas contra seu pae. Os bispos de Amiens, Lyon, e Vienna, declararam rebeldes a patria e a egreja os que se lhes não unissem. O maior numero de prelados, e o papa Gregorio IV, seguiram o exemplo. Sómente alguns se conservaram fieis ao legitimo monarcha. O papa, que tinha vindo a França a pedido de Lothario, ameaçou-os de excommunhão; mas os generosos pastores responderam-lhe que, se elle tinha vindo para excommungar, voltaria excommungado. Entretanto Lothario appareceu, e chamou a si quasi todo o exercito de seu pae, que tomou a resolução de passar para o campo dos filhos. Prenderam-no; e, com o parecer do papa, dos nobres e bispos, declararam-no decaido da dignidade imperial, que conferiram a Lothario. O joven Carlos o Calvo, pretexto innocente da guerra, foi encerrado em um mosteiro, assim como a rainha Judith. O proprio imperador foi mettido no de S. Medard de Soissons, depois de ter sido rapado. Não para aqui: alguns mezes mais tarde, persuadiram-no, na assemblea geral celebrada em Compiègne, a submeter-se a uma penitencia publica, como confessando-se culpado de todos os males que affligiam a monarchia. Conduzido á egreja de Nossa Senhora de Soissons, ali

appareceu diante dos bispos e do povo, sem as insignias imperiaes, e tendo na mão um papel que continha a confissão de seus pretendidos crimes: abandonou os vestidos e armas, que depositou junto do altar; e, tendo-se vestido com o habito de penitente, e prostrado sobre um cilicio, leu em voz alta a lista dos seus enormes delictos, o mais grave dos quaes era ter feito marchar as suas tropas na quaresma. Então os prelados impozeram-lhe as mãos: cantaram os psalmos, e repetiram as orações prescriptas para esta lugubre cerimonia; depois transferiram-no de novo para o mosteiro de S. Medard, onde viveu vestido de penitente, sem criado, sem consolação, e morto para o resto do mundo.

835. Se Luiz não tivesse senão um filho, estava perdido para sempre; disputando os tres entre si os despojos, esta desunião restituiu ao pae a liberdade e a corôa. Tendo o imperador sido transferido para S. Diniz, Luiz e Pepino vieram restabelecel-o, e entregar em seus braços sua mulher e seu filho Carlos. A assemblea de Soissons foi anathematisada por outra de Thionville; o monarcha rehabilitado; e *Abbon*, arcebispo de Reims, que presidira á assemblea de Compiègne, e alguns outros bispos não menos sediciosos, foram depostos. O imperador não pôde ou não ousou castigal-os d'outro modo.

836—840. O socego não durou muito tempo. Novos decretos do monarcha excitaram novas tempestades. Luiz revolucionou-se: o imperador marchou, a seu pesar, para castigal-o; mas em breve, succumbindo ao desgosto que o devorava, morreu perto de Mayence, dizendo: «*Perdão a Luiz, mas saiba elle que me tirou a vida.*» De valor provado, de natural bemfazejo, d'inaudita affabilidade, apenas desmentida uma unica vez, de capacidade pouco commum então, porque entendia o grego e o latim, e era grande astronomo, este monarcha foi o ludibrio de todos. É que as suas melhores qualidades tornaram-se más por excesso; passar os limites não é virtude, mas extravagancia ou fraqueza. Reinou vinte seis annos, e tinha sessenta e dois de idade. Seu corpo foi levado para Metz, e enterrado na igreja de Santo Arnoul.

Continua.

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Continuação.

A cerimonia da eleição segue-se a da coroação, que segundo a bulla de oiro deve ser feita em Aix-la-Chapelle. Ha muito tempo porém que se não segue tal uso, e desde Carlos V nenhum imperador se fez coroar n'esta cidade. Comtudo o imperador dirige sempre *reversaes* á cidade de Aix-la-Chapelle, declarando-lhe que a coroação se faz n'outra cidade sem prejuizo dos seus direitos.

Os arcebispos de Colonia e Moguncia por muito tempo se disputaram o direito de coroar o impera-

dor, mas a contenda acabou em 1685, e ao de Moguncia coube o direito de coroar-o, quando a cerimonia tem logar na sua diocese, e ao de Colonia quando lhe cae na sua.

As insignias da dignidade imperial, taes como a corôa, a espada, o sceptro, o globo de oiro com uma cruz sobreposta, o manto imperial, o anel etc. guardam-se em Aix-la-Chapelle e em Nuremberg, d'onde se conduzem ao sitio em que a coroação tem logar.

A cerimonia da coroação faz-se com o esplendor possivel. Os eleitores assistem com fado de ceremonial, e o imperador presta o juramento concebido nos seguintes termos: «*Prometto diante de Deus e dos seus anjos, observar as leis, fazer justiça, conservar os direitos da minha corôa, prestar as convenientes honras ao pontifice romano, aos outros prelados, e aos meus vassallos, conservar á igreja os bens que lhe teem sido doados, assim Deus me ajude, etc.*»

O arcebispo encarregado da cerimonia, antes de coroar o imperador, pergunta-lhe se quer conservar e praticar a religião catholica e apostolica, ser o defensor e protector da igreja e seus ministros, governar segundo as leis da justiça o reino que Deus lhe confiou, e defendel-o effizamente; tratar de recuperar os bens do imperio que tenham sido desmembrados ou invadidos: finalmente se quer ser o defensor e o juiz, tanto do pobre como do rico, da viuva e do orphão.

A todas estas perguntas o imperador responde: *volo*; quero.

Concluida a coroação, o imperador toma uma refeição publica. Está sentado sósinho a uma mesa, tendo á sua esquerda a imperatriz sentada a outra mesa, menos elevada que a sua. Os proprios eleitores, ou então pelos seus substitutos, servem o imperador no principio da comida, cada um segundo o seu officio; depois assentam-se na sua mesa separada, mais baixa tambem que a do imperador. (Continua.)

Moralise quem fôr virtuoso; ensine o sabio; governe o justo.

ALMANAK DO POVO.

Como prova de esmero artistico na typographia, e como elegante adorno de gabinete, commendamos o *Almanak do povo* para o anno de 1858. O seu diminuto preço de 40 réis, excita o desejo de o comprar.

Impresso a côres, em excellente papel, e typo novo, o *Almanak do povo* contém tudo que o curioso pode desejar.

É um tentamen que honra o senhor Desiderio Marques Leão, seu proprietario, pela concepção, e os senhores Lallemant pela execução artistica.

Suas Magestades, a quem foram offerecidos alguns exemplares, dignaram-se significar a sua real estima por um trabalho que comprova o progresso dos nossos artistas.